

APRESENTAÇÃO

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE FENÔMENOS ENUNCIATIVOS E DISCURSIVOS

Daiane Neumann¹
Lauro Gomes²

Este dossiê temático tem o objetivo de abranger trabalhos dedicados ao estudo de fenômenos enunciativos e discursivos, os quais vêm sendo realizados por pesquisadores vinculados, por exemplo, às perspectivas teóricas inauguradas por Roman Jakobson, Émile Benveniste, Antoine Culioli e Oswald Ducrot. As investigações de fenômenos, como os *shifters*, os *déiticos*, os *pressupostos* e *subentendidos*, os *operadores argumentativos*, o *humor* e a *ironia*, lançaram luzes não apenas à sua descrição e explicação, mas também permitiram a constituição da chamada linguística da enunciação e do discurso.

A reflexão, tão cara ao referido campo da ciência da linguagem, acerca do sujeito, por exemplo, decorre, em Benveniste ([1966] 2005; [1974] 2006), do estudo dos pronomes. Ao estudar o funcionamento dos pronomes “je” e “moi”, Benveniste ([1974] 2006, p. 204) afirma que o “pronome autônomo *moi* se comporta, em todos os sentidos, como um nome próprio”. Por isso, “MOI é, na instância de discurso, a designação própria [*autentique*] daquele que fala”. Por outro lado, no que tange ao funcionamento de “je”, Benveniste ([1966] 2005, p. 280-281) pontua que é “identificando-se como pessoa única pronunciando *je* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’”. Para o referido linguista, o “je” não pode ser definido senão “em termos de ‘locução’”, na medida em que “je” significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *je*” (Benveniste, [1966] 2005, p. 278).

Desse modo, ao compreender o funcionamento de “je” e “moi” em francês, Benveniste ([1966] 2005; [1974] 2006) distingue o locutor, sujeito enunciador, e o sujeito de linguagem, sujeito da enunciação. O primeiro refere-se, segundo Dessons (2006), ao indivíduo que se engaja no processo de locução. O segundo diz respeito ao sujeito como efeito, aquele que decorre do discurso, constituído de linguagem. Essa reflexão, segundo Benveniste ([1966] 2005),

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UFRGS, 2016). Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: daiane_neumann@hotmail.com

² Doutor em Letras (PUCRS, 2020). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: gomeslauro89@gmail.com

implica em um problema de línguas, na medida em que é, em primeiro lugar, um problema de linguagem. As descrições linguísticas é que levam o linguista à reflexão sobre linguagem e à elaboração de princípios teóricos de base.

A discussão acerca do sujeito, tão cara à linguística da enunciação e do discurso, recebe novas tonalidades no âmbito da perspectiva enunciativa de Ducrot (1980; 1984), numa espécie de concordância e/ou de desenvolvimento do que propusera Benveniste. Ducrot (1989) afirma, em realidade, ter-se inspirado muito mais na distinção de Bally entre *sujeito comunicante* e *sujeito modal* do que na perspectiva benvenistiana. Segundo as postulações de Ducrot, portanto, o *sujeito falante* ou *sujeito empírico* – autor intelectual da escolha das palavras e de sua organização gramatical – não pode ser objeto de estudo do linguista semanticista. Isso porque, ao buscar fidelidade e coerência com a linguística saussuriana, somente o *locutor* – ser de linguagem criado no universo discursivo – pode e deve constituir objeto de estudo do linguista interessado pela descrição e pela explicação de fatos enunciativos produtores de sentido na linguagem. Carel (2025) complementa que a enunciação do falante, também chamada de “enunciação atual”, produz ações no mundo; só é acessível via ferramentas da pragmática. Já a enunciação do locutor, também chamada de “enunciação linguística”, é estudada pelas teorias da enunciação, a exemplo da Teoria Polifônica da Enunciação (Ducrot, 1984) e da Teoria Argumentativa da Polifonia (Carel; Ducrot, 2010).

Poder-se-ia fazer, aqui, uma longa exposição para mostrar as consequências que essa importante distinção benvenistiana e ducrotiana de *sujeito* promoveram em estudos da enunciação e do discurso comprometidos com os princípios saussurianos. No entanto, isso é o que – direta ou indiretamente – será possível observar ao longo dos artigos que compõem este número temático. Muito embora interessados por fenômenos enunciativos e discursivos que vão além de uma reflexão *stricto sensu* a respeito da noção de *sujeito*, todas as pesquisas aqui publicadas demonstram, notadamente, preocupação com fatos linguísticos produtores de sentido na linguagem. Não ignoram, por assim dizer, os princípios linguísticos, oriundos do trabalho de descrição linguística, a partir dos quais se originaram as teorias da enunciação do século XX. Mesmo assim, espera-se que este dossiê também sirva de convite ao linguista do presente para se manter em vigilância em relação à sua fidelidade epistemológica e às suas escolhas metodológicas, sob pena de cair no levantamento de hipóteses vinculadas a uma linguística *lato sensu* facilmente classificada como neopositivista ou mesmo pré-saussuriana.

O artigo que abre este dossiê, “O estudo dos *shifters* em Roman Jakobson: diálogos teóricos”, de autoria de Luiza Milano, tem como objetivo investigar as bases da reflexão sobre a noção de *shifter* no texto “*Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*” (1957). Neste trabalho, a autora busca investigar o percurso trilhado por Jakobson e os diálogos teóricos por ele evocados, particularmente na seção em que aborda a questão dos pronomes pessoais.

Em “Por uma gramática enunciativa: o Pretérito Perfeito Simples e o proclamar existência”, Márcia Romero apresenta resultados provenientes de seus estudos sobre os valores semânticos adquiridos pelo Pretérito Perfeito Simples (PPS) em português brasileiro e os princípios enunciativos que os sustentam. À luz da Teoria das Operações Enunciativas, a autora reflete sobre o “proclamar existência”, operação constitutiva da atividade de linguagem que, ao se manifestar em determinados empregos do PPS, conduz a repensar a fórmula temporal básica que o concebe como “tempo do passado”.

No artigo “Futuro do pretérito em usos cotidianos: uma abordagem enunciativa”, Luiz Francisco Dias e Claudia Ribeiro Rodrigues examinam a complexidade do futuro do pretérito, em Língua Portuguesa, com base em uma abordagem da semântica da enunciação. O conceito

de pertinência enunciativa foi essencial nessa abordagem teórica, cujos resultados demonstram que as perspectivas de passado e de futuro são constituídas na relação com o tempo da locução.

Em “A arte da linguagem: a construção da significância em letras de canções de Elza Soares”, Daiane Afonso e Daiane Neumann partem da percepção da importância de uma discussão mais aprofundada em torno da noção de *significância* e da consequente análise linguística em letras de canções para os estudos da linguagem. Com base nas perspectivas de Saussure, Benveniste e Meschonnic, as autoras buscam ampliar as fronteiras entre linguística, literatura e arte, trazendo contribuições inter e transdisciplinares para a compreensão das expressões artísticas e linguísticas.

No artigo “A Semântica Argumentativa em prol do ensino de língua portuguesa”, Lauro Gomes e Renata Nunes Gehling Krause partem do estudo semântico-argumentativo do conto “Passeio Noturno – parte I”, de Rubem Fonseca, com o objetivo de apresentar atividades didáticas sobre elementos micro e macro-semânticos do texto. À luz dos pressupostos da Teoria dos Blocos Semânticos, sustentam a tese de que a reflexão linguística – de identificação das unidades semânticas básicas de um texto – permite aperfeiçoar competências de leitura e de escrita.

No texto “De falante-ouvinte a escrevente-leitor: o deslocamento de lugar enunciativo na aquisição da escrita”, Giovane Fernandes Oliveira propõe-se a caracterizar uma macro-operação fundante do vir a ser escrevente. Para tanto, à luz de uma perspectiva semiológico-enunciativa de aquisição da escrita, aborda aspectos descritivos mediante análise de recortes de escrita infantil e aspectos explicativos mediante teorização sobre a passagem dos lugares (co)enunciativos de falante-ouvinte aos lugares (co)enunciativos de escrevente-leitor. Os resultados conduzem à conclusão de que, na aquisição da escrita, convocada pelo outro da alocução falada, mas também fazendo abstração desse outro e dessa alocução, a criança começa a ser inserida e a inserir-se na estrutura enunciativa e na estrutura semiológica da língua em sua realização gráfica.

Em “Intertextualidade em um livro didático de língua portuguesa aprovado pelo PNLD”, Fernanda Soares da Silva Torres analisa o modo como a temática da intertextualidade foi abordada no livro didático de Língua Portuguesa, *Português: conexão e uso*, da editora Saraiva. A análise, realizada desde o ponto de vista da Linguística Textual (LT), aponta para a necessidade de abordar a intertextualidade como característica presente em todos os textos.

Neilton Farias Lins e Sóstenes Ericson Vicente da Silva, no texto “Do não dizer para produzir sentido: o silenciamento em capas de revistas *Veja* e *IstoÉ*”, a partir da Análise do Discurso, sobretudo das proposições de Pêcheux (1997) e Orlandi (1997; 1992), buscam analisar editoriais das revistas *Veja* e *IstoÉ*. A análise observa como os editoriais mobilizam memórias discursivas na produção de sentido por meio do dizer, do não dizer, do silêncio e do silenciamento, pela interpelação do sujeito editor/autor.

No texto “Jogos eletrônicos e(m) discurso: uma análise de *gameplays* do jogo *Kapital: sparks of a revolution*”, Matheus da Silva Medeiros busca compreender, através da análise de *gameplays* no jogo *Kapital: sparks of a revolution*, a complexidade da constituição de uma posição sujeito-jogador e *youtuber* nos recortes analisados, considerando a diversidade de modos possíveis de jogar um mesmo jogo. O autor conclui que, nesse processo, os sujeitos-jogadores se filiam a determinadas regiões do interdiscurso, o que os leva a estabelecer relações de aliança, antagonismo e/ou de identificação com as classes sociais representadas no jogo, em que ecoam tensões constitutivas de formação social capitalista e distintos modos de significar a sociedade

contemporânea.

No artigo “Cidadão de bem: quando ser do bem é estar armado”, Lorena Arcuri e Adilson Ventura da Silva mostram como se dá a constituição de sentidos de certas expressões, como “cidadão de bem”, utilizada em discursos do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e de seus apoiadores. Com base no arcabouço teórico da Semântica do Acontecimento, analisam o funcionamento semântico da referida expressão a partir de três recortes de reportagens, cada um extraído de um jornal digital (CNN, UOL e Correio Braziliense). Como resultados preliminares, pontuam que o “cidadão de bem” é posto como aquele que pode comprar e usar armas para garantir a sua segurança e os seus direitos e, assim, defender a democracia do país.

Em “Efeitos de sentido em discursividades marcantes de um sobrevivente do sistema carcerário”, Darlene Rodrigues de Freitas, Janete Santos e Valéria Medeiros apresentam uma análise discursiva do livro *Memórias de um Sobrevivente*, do ex-presidiário Luiz Alberto Mendes. A análise considera, com base na Análise do Discurso de vertente pecheuxtiana, a heterogeneidade dos efeitos de sentidos produzidos, a partir da relação do sujeito com a língua no que tange à vivência em ambientes prisionais.

Espera-se que este dossiê temático abra portas ao diálogo acadêmico comprometido com os princípios teórico-metodológicos de teorias inscritas no campo da chamada linguística da enunciação e do discurso. Deseja-se, em vista disso, uma instigante e prazerosa leitura, com profícuos diálogos vindouros no *continuum* do fazer científico.

Referências

- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Atualização da polifonia. *Desenredo*, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jun., 2010.
- CAREL, Marion. Sujeito falante e locutor. *Desenredo*, v. 21, n. 1, p. 105-121, jan./abr. 2025.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966].
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006 [1974].
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.
- DUCROT, Oswald et al (Org.). *Les mots du discours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- DUCROT, Oswald. *Logique, structure, énonciation. Lectures sur le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.